



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

ALEGORIAS, ARQUÉTIPOS E FRAGMENTAÇÕES FEMININAS DENTRO DE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO

Autores: DANDARA TAMIRES CASTRO ROSA;

Introdução

A estereotipação de séculos da mulher sendo vista como o outro, subserviente, devendo se dedicar aos ditames da sociedade patriarcal se transfere também para o campo literário. A obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, publicada em 1995, narra uma epidemia de cegueira branca em um país fictício, onde os cegos precisam se organizar na ausência do governo-estado. Emerge na camarata heterogênea um princípio de democracia, mas a liderança ali estabelecida não consegue impedir a dominação por uma camarata homogeneamente masculina. No romance, as personagens femininas são apresentadas como detentoras de um poder transformador pela atuação e postura, e representadas de formas alegóricas, bem como por arquétipos. Compreende-se o espaço diegético da narrativa como um campo fecundo para uma análise que se opera sobre o caráter alegórico da categoria mulheres, dentro do feminino no enredo, e realizando um entrecruzamento com a história do movimento feminista, questionando se as possíveis fragmentações na alegoria feminina do enredo entrecruzam com as existentes na identidade política “mulheres” dentro do movimento feminista ocorridas a partir dos anos 1980 e permitem romper ou confirmar os estereótipos literários de um discurso idealizador da mulher sob o julgo patriarcal.

Material e Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual estamos utilizando como fontes a obra ficcional escolhida, a postura apresentada por José Saramago em seus anos de vida a respeito da luta feminista, no intuito de compreender qual era o contexto sócio-político-ideológico gestacional da obra e que ao autor estava imerso e textos sobre a História das Mulheres, campo necessário para a intersecção almejada. O referencial teórico abrangerá conceitos de alegoria e arquétipo que estão sendo empregados como aporte para pensar as relações estabelecidas entre História e Literatura.

Resultados e Discussão

A obra de Saramago é uma literatura sustentada em excepcionais figuras femininas, revelando-se foco da atenção do narrador com várias delas assumindo papel de encenações do melhor da condição humana. A narrativa está sempre em busca de uma conscientização do leitor, o que pode ser reflexo do engajamento do autor na defesa de causas da igualdade feminina e das reivindicações de gênero, em especial contra a violência e a opressão, assim, as suas personagens femininas são uma derradeira esperança na humanidade. Protagonistas de um modo oposto ao papel violento dos homens, e assumem uma consciência específica, que, ao serem confrontadas com o modelo masculino, se mostram mais fortes em atitudes e redutos de esperança. A mulher do médico, protagonista de *Ensaio sobre a Cegueira*, é a única a não cegar diante da epidemia de cegueira que assola o país fictício, sendo os olhos que guiam o leitor durante a narrativa. No contexto desta obra, é uma personagem que cria uma esperança de sobrevivência no mundo dos cegos, em parte por não estar cega e, em parte por não agir de acordo com a lógica masculina de egoísmo.



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A obra narra uma epidemia de cegueira branca em um país fictício. As primeiras pessoas a cegarem, bem como aquelas com quem tiveram contato, são isoladas em quarentena num manicômio devoluto, em três camaratas separadas. O primeiro grupo, heterogêneo na sua composição, procura viver de modo pacífico, organizando-se em uma espécie de democracia, outro grupo, só de homens, estabelece uma tirania mediante a imposição da força bruta.

A narrativa dos horrores da sociedade ficcional dos cegos criada por Saramago não foge da realidade em que está calcada, pois uma narrativa literária é um objeto cultural que para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações. A base para a produção ficcional é a realidade social e histórica, o que alarga as possibilidades de estudos das representações do mundo social quando a realidade presente na literatura ficcional é utilizada como fonte. Para Saramago o século XX trouxe a perda da razão à sociedade, o que leva a cegueira.

O autor ao utilizar um procedimento alegórico, reveste algumas dessas as personagens valendo-se de características atribuídas por uma construção social ao gênero, as femininas o afeto e a solidariedade, e, as masculinas o egoísmo, a violência e a indiferença. Mas essas definições são produtos das relações sociais, sendo que

a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” – a rigor, o que o gênero “é” – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes (BUTLER, 2003, p.29).

Conforme Varikas (2016) os processos históricos de diferenciação, construção estereotípica passa por uma ressignificação de uma configuração histórica patriarcal que projetava no “caráter” feminino as relações não igualitárias existentes. Às mulheres eram atribuídas características de docilidade, gentileza, submissão, etc. Saramago se utiliza da aparente generalização que criou para que suas personagens femininas sejam alegorias ao elemento feminino. As personagens como alegorias não representam indivíduos singulares, mas sim imitações de atitudes compactadas para serem colocadas em oposição: altruísmo *versus* egoísmo, gentileza *versus* violência, solidariedade *versus* tirania. O binarismo entre o masculino e o feminino é representado pela alegoria da barbárie da sociedade dos cegos. Ressalta-se que mesmo diante das alegorias binárias, não há maniqueísmo na obra.

O conceito de alegoria oriundo de Kothe (1986) permite a compreensão de uma representação de uma ideia abstrata, por meio da exposição de um pensamento de forma figurada, uma metáfora continuada, compondo aqui, o entendimento de que as alegorias presentes no *Ensaio sobre a cegueira* tem uma função de parábola, por formar-se através de uma “narração alegórica que remete a realidades e reflexões de ordem geral e superior dos eventos narrados” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.5). “No Ensaio sobre a cegueira, Saramago não opõe homens e mulheres, mas faz se suas personagens personificações alegóricas dos comportamentos socialmente convencionados para uns e outras” (ROHRIG, 2014, p.59). Como uma obra ficcional, as inferências que podem ser feitas são inúmeras, para este estudo o foco se estabelece na alegoria da personagem feminina. Partindo da compreensão de que a alegoria feminina na obra não se isola somente na personagem mulher do médico, é possível debater a respeito do aparente significado unitário da categoria “mulheres” no movimento feminista.

A história das mulheres apareceu como um campo de pesquisa que se estabeleceu nas últimas décadas. Fortemente ligada a situação de ampliação nos Estados Unidos, o “movimento” permitiu a inscrição das mulheres no passado e seu lugar no presente, bem como evocar as associações com a política na década de 60- conexão entre política e intelectualidade-; afastamento na década de 70 e rompimento com a política na década de 80, permitindo novos campos de expansão. “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise” (SCOTT, 1992, p.65). Os desenvolvimentos na história das mulheres estão relacionados “à força crescente e à legitimidade do feminismo como um movimento político” (FRASER apud SCOTT, 1992, p.66), possibilitando um dinamismo entre a produção do conhecimento e seu papel na política.

O feminismo, nas últimas décadas, mesmo sendo um movimento internacional possui características particulares, regionais e nacionais. Scott (1992) focaliza os detalhes do movimento no âmbito dos Estados Unidos para fazer observações gerais, abordando o ressurgimento nos anos 60 com o apelo na retórica de igualdade, criando uma identidade coletiva de mulheres “indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e suas vidas” (SCOTT, 1992, p.67-68). A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas e, ambas inevitavelmente se confrontam com o “dilema da diferença” abrindo caminho para debates sobre a universalidade de sujeitos, ideologias, legitimidades e histórias.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Dentro desses debates surge a diferença das “mulheres” como categoria social fixa. A experiência social permitiu que “mulheres” deixasse de ser uma entidade separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria “homens” para atingir, nos anos 70, o discurso da identidade coletiva, permitido pelo denominador comum da sexualidade e das necessidades e interesses a ela vinculados. Surge então, a categoria “mulheres” como uma identidade política.

Contudo, dentro da própria categoria “mulheres” houve a introdução da diferença, ponto almejado para análise aqui pretendida. Como já colocado, o termo gênero foi usado para teorizar a questão da diferença sexual, e “as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo.” (SCOTT, 1992, p.86). Posteriormente, o uso do termo como uma categoria foi estendida às diferenças dentro da diferença, as diferenças entre mulheres dentro da categoria/identidade coletiva mulheres.

A política de identidade dos anos 80 permitiu questionamentos ao significado unitário da categoria “mulheres”, uma vez que

as diferenças fundamentais da experiência tornaram impossível reivindicar uma identidade isolada [...]. As diferenças cada vez mais visíveis e veementes entre as mulheres questionavam a possibilidade de uma política unificada e sugeriam que os interesses das mulheres não eram auto-evidentes, mas uma questão de disputa e de discussão. (SCOTT, 1992, p.88)

A questão das diferenças dentro da diferença, conforme Scott (1992) permite o debate sobre o modo e a conveniência de se articular o gênero como uma categoria de análise. Para a autora, uma dessas articulações é fruto do trabalho nas ciências sociais sobre os sistemas ou estruturas do gênero; presume uma oposição fixa entre os homens e as mulheres, e identidades ou papéis, que se operam em todos os âmbitos da vida social. As personagens femininas na obra em análise são externalizadas pelo autor com características fortes advindas da sua própria autoconsciência. Cada personagem feminina contribui para a heterogeneidade dentro da alegoria feminina criada pelo autor, desde a mulher do médico à reparadora de óculos escuros. No campo da literatura, Zolin (2003) discute a respeito do estereótipo feminino nas obras literárias, e segundo ela, nas narrativas de autores masculinos há uma perspectiva e um direcionamento masculino, logo, as personagens femininas podem ficar em segundo plano e seguindo paradigmas de estereótipos.

[..]as críticas feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. (ZOLIN, 2003, p. 170).

Então, segundo as definições dadas acima, as personagens femininas podem ser enquadradas como angelical, submissa, a sedutora, imoral, ou megera e semeadora da discórdia. Tentando fazer uma leitura e tentando encaixar as personagens de Ensaio sobre a cegueira nos estereótipos femininos encontrados na literatura escrita por homens, é possível inferir que a mulher do médico se aproxima daquela cuja função é se anular perante e em prol dos outros, se sacrificando. Mesmo que a mulher do médico se torne uma personagem completa devido sua trajetória: começa como esposa dedicada, avança como auxiliadora e abnegada, para emergir como vingadora das mulheres e ascende como anunciadora da liberdade (quando percebe não ter mais soldados mantendo-os em quarentena e grita dizendo que estão livres) e tendo sua liderança clara durante a narrativa, percebesse que exista ainda a sua manutenção sob os estereótipos femininos das obras literárias escritas de uma visão masculina.

Conclusão

Mesmo que as personagens femininas de Saramago em *Ensaio sobre a Cegueira* sejam diferentes, entendeu-se que as características da alegoria feminina não a fragmentam, refletindo, ainda, um arquétipo desejado ao feminino. Não há uma ruptura na categoria “mulheres” dentro da narrativa, mesmo diante das diferenças de cada personagem. Tais personagens conduzem para uma reafirmação de um tipo otimizado de feminino, que sob alegorias reverberam um arquétipo feminino idealizado, otimizado, enquadrando as personagens em estereótipos de papéis femininos dentro de uma visão masculina. Um tipo ideal de personagem a ser seguido, remetendo a uma realidade esperada para a mulher, a de esposa, recatada, que se submete e nega-se em prol do lar, mantendo-se sob o julgo do patriarcado. Assim, as possíveis fragmentações na alegoria feminina do enredo mesmo que atingidas pelas fragmentações existentes na identidade política “mulheres” dentro do movimento feminista, ocorridas a partir dos anos 1980, não rompem os estereótipos literários de um discurso idealizador da mulher sob o julgo patriarcal dentro da narrativa de *Ensaio sobre a Cegueira*.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financia esta pesquisa. Ao orientador Dr. Alysson Luiz Freitas de Jesus pela oportunidade de dialogar sobre a pesquisa e esclarecer dúvidas.

Referências

BUTLER, Judith. (2003). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar.

KOTHE, Flávio. (1986). A alegoria. SP: Ática.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ROHRIG, Maiquel. A problemática do gênero em Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago. Revista Ártemis, Vol. XVII n°1; jan-jun, 2014. Pp.51-60

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Lisboa: Companhia das Letras, 1995.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP 1992.

VARIKAS, E. Gênero, experiência e subjetividade: a proposta do desacordo Tilly-Scott. Cadernos Pagu. Campinas, v.3, p. 63-84, 1994.

ZOLIN, Lucia Osana. Desconstruindo a Opressão – A Imagem Feminina em a República dos Sonhos de Nérida Piñon. Maringá: EDUEM, 2003.